

A ORNAMENTAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

THE ORNAMENTAL IN CONTEMPORARY SOCIETY

Ferreira, F. Naligi; (Mestranda no Programa Têxtil e Moda - Escola de Artes, Ciências e Humanidades- Universidade de São Paulo) – USP.

naligiferreira@yahoo.com.br

Held, B. S. Maria; (Prof.^a. Dra. no Programa Têxtil e Moda- Escola de Artes, Ciências e Humanidades- Universidade de São Paulo) – USP.

silviaheld@usp.br

Resumo

Este estudo tem como foco entender parte da necessidade inerente do ser humano em ornamentar-se. Para contextualizar o presente estudo, será feito um recorte do ornamento dos primórdios das civilizações a respeito dos tipos de materiais e técnicas baseados nos conhecimentos adquiridos.

Palavras chaves: história da ornamentação, ornamentação, necessidade, sociedade contemporânea.

Summary

This study focuses on understanding of the inherent need of human beings to adorn themselves. To contextualize the present study, a cut will be the ornament of the early civilizations about the types of materials and techniques based on the knowledge acquired.

Keywords: history of ornamentation, need contemporary society.

Introdução

A vestimenta está presente na história da humanidade desde o início dos tempos, seja como forma de proteção ou de pudor. Juntamente com a roupa, existem os ornamentos, que fazem parte da modificação e do processo de construção de um determinado sujeito nas diferentes épocas. Para tanto se pode dizer que não importa o período histórico, o ornamento pode ser tão necessário quanto a própria vestimenta.

Entende-se que o homem da sociedade contemporânea herdou algumas das estratégias de sobrevivência de seus primórdios, e formou diferentes grupos em diversas sociedades, vestiu e adornou seu corpo e agregou valores individuais e exclusivos a cada objeto.

Desta forma pode-se constatar que através da expressão artística em diferentes momentos históricos, há possibilidade de identificar os ornamentos nas mais diversificadas épocas.

Aspectos históricos da ornamentação

Impossível tratar do tema ornamentação, sem antes falar da origem destes objetos na história. Este ornamento, ao qual se refere o recorte deste estudo é o objeto utilizado desde o início dos acontecimentos históricos na humanidade.

Ao pensar em ornamentação, busca-se entender em qual contexto tais pertences passaram a ser reconhecidos no decorrer dos tempos.

Gombrich relata que:

Entre esses primitivos não há diferença entre edificar e fazer imagens, no que se refere à utilidade. Suas cabanas existem para protegê-los da chuva, do sol e do vento, e para os espíritos que geram tais eventos; as imagens são feitas para protegê-los contra outros poderes, que, para eles, são reais quanto às forças da natureza. (GOMBRICH, 2008, p. 40).

Castilho cita que:

A história dos símbolos mostra-nos que qualquer objeto pode possuir valor simbólico, seja ele um objeto de origem natural (pedra, metal, árvore, fruto, animal, etc.) ou abstrato (forma geométrica, número, ritmo, ideia, etc.), quando o mesmo é culturalmente investido de significado e, portanto, valor. O símbolo permanece na História e não anula a realidade: ele a enriquece por meio de relações extraordinariamente imaginativas entre nível da existência e o mundo cósmico humano e divino. (CASTILHO, 2005, p.41).

Assim Gola, descreve a utilização destes ornamentos pré-históricos:

Tais objetos provavelmente representavam outros valores, que não apenas o de adorno, podendo ser um troféu de caça- testemunho de valentia, que proporcionava, a seu portador, lugar de destaque na ordem social da comunidade. (GOLA, 2008, p. 27)

Através de marcas deixadas pelo homem pré-histórico no período que antecede a linguagem escrita e falada inferir-se que, desde o início da existência humana havia a necessidade de vestir-se e de adornar-se. Desta forma, a partir de achados rudimentares como armas, utensílios, adornos entre outros objetos e também das figuras pintadas nas paredes das cavernas, compreende-se como eram as formas de organização para a sobrevivência desses grupos pré-históricos. Simbolizavam nas paredes das cavernas cenas de seu cotidiano, acreditavam que ao desenhar um animal sendo abatido em caça, teriam plenos poderes sobre ele.

Esses documentos mostram que a comunicação pode ser inerente ao ser humano, e neste sentido não importa qual o período histórico que o homem deseja ser compreendido.

Achados arqueológicos datados desse período tão extenso revelam, ao lado de utensílios, adornos feitos com (e em) elementos naturais: conchas, ossos, presas de animais, pedaços de rochas, minerais e cascalho, supostamente amarrados com tiras de couro ou alguma fibra vegetal. E, também, objetos muito simples, feitos de ouro, com alguma manipulação desse metal tão maleável encontrado *in natura*. Todos esses achados dão indícios da incipiência da técnica de produzir adornos e, também, dos valores a eles atribuídos. (GOLA, 2008, p.24)

Instintivamente, ornamentavam e vestiam seus corpos para protegê-los dos ataques de animais, das mudanças climáticas e também dos males espirituais.

Assim desenvolveram adornos como pingentes que eram confeccionados a partir de ossos, dentes, garras de animais abatidos em caças, o que poderia significar ao seu portador reconhecimento de bravura. Havia também os confeccionados a partir de materiais de origem naturais como pedaços de rochas. A princípio eram pendenteados perfurados e atravessados com algum tipo de fio de origem natural, mais tarde possuíam recortes que representavam rostos de perfil, e possuíam fissuras que parte das vezes remetiam a formas geométricas. E no avanço do tempo pré-histórico aprimoraram suas técnicas e desenvolveram pingentes arredondados com um furo ao meio, com representações de bisões ou animais decorrentes do período.

Nas antigas civilizações encontram-se diferentes e aprimoradas técnicas em ourivesaria. Dentre muitas descobertas, destacam-se a fundição, a soldagem por fusão, a forja, esmaltação, a cravação de pedras preciosas. E também diferentes técnicas de decoração, como a gravação, a gravação de filigrana e a coloração por esmaltes.

Desenvolveram diversos tipos de ornamentos como: anéis, sinetes, brincos, camafeus, broches, colares, peitorais, leques em ouro maciço adornados, com turquesas e lápis-lazúli, esmeraldas, safiras entre muitas outras. Já neste período, nota-se o uso da ornamentação de acordo com a classe social e, na maior parte das vezes, estas joias eram utilizadas por pessoas favorecidas financeiramente.

Já na era medieval as peças eram produzidas com muito requinte, utilizavam-se pedras como rubis, esmeraldas, diamantes, safiras, topázios e turquesas, Também empregavam pérolas e marfins mas, o grande marco foi a lapidação em facetas nas pedras, trabalhando figuras, signos e letras. Assim, pedras opacas recebiam polimento plano ou na forma de cabochão – com área dura, são os primeiros indícios das técnicas em lapidação de pedras preciosas.

Mulheres nobres deste período utilizavam jóias em seus cabelos, colares grandes e pesados, como amuletos, símbolos sagrados em formato de cruz. Na época foram atribuídas forças especiais de proteção ou poder a todas as pedras, preciosas ou não.

A partir do retrocesso discorrido sobre a ornamentação nas diferentes civilizações, pode-se constatar que a mesma sempre esteve presente na história da humanidade, contextualizada à sua maneira em conformidade a cada período. Diferentes povos desenvolveram suas diferentes técnicas a partir de uma técnica já desenvolvida e utilizada. Sabe-se que parte do que hoje é empregado tanto em técnicas quanto no tipo de ornamento é decorrente do conhecimento e do aprimoramento destes povos.

Sobre a necessidade da ornamentação na contemporaneidade

Uma incursão na etimologia das palavras “ornamento”, “ornamentação”, “ornamental”, reforça tal ideia. Essas palavras são derivações do verbo latino *ornare*, que significa, na acepção latina original, “adornar” ou “equipar”. Nesse sentido, “ornar”, não se resume a adicionar coisas supérfluas, mas exprime um acréscimo de qualidade, uma melhoria. (GOLA, 2008, p18).

De acordo com a autora, ornamentar não se resume em acrescentar coisas desnecessárias, mas acrescentar algo que possa melhorar e complementar o *visual*. Mais do que complementar, o ornamento pode ter papel fundamental na cultura, auxiliando na distinção de diferentes povos.

Essas distinções podem ser facilmente detectadas em diferentes culturas e somente através destes ornamentos há possibilidade de tal diferenciação. Exemplifica-se as diferentes sociedades tribais que fazem uso de diferentes ornamentos, o que possibilita a distinção entre as diferentes idades e sexo. A mulher mulçumana, por exemplo que é facilmente classificada pela utilização do lenço (utilizado como acessório), permite a esta mulher ser incorporada no seu grupo social.

Neste contexto também pode-se citar a aliança que sinaliza a união de um casal. Porém, sabe-se que existem indivíduos que não fazem uso da aliança e que podem utilizar-se de outro ornamento para simbolizar uma união, portanto cada indivíduo agrega o seu “valor” ao acessório usado. Através de exemplos simples, nota-se que o uso da ornamentação pode ter significados variados, o que sugere diferentes atribuições nos mais diversificados aspectos, deste o paradoxo religioso ao sutil instinto de ornamentar-se.

Neste sentido, ressalta-se que a importância do ornamento na sociedade e independentemente da cultura, da raça, da crença, do sexo, da idade, tal objeto pode ser usual em qualquer circunstância.

Em organizações tribais, também pode ser notada com legítima clareza a preocupação com o desenvolvimento estético dos adereços corporais.

Gola discorre sobre as formas dos desenvolvimentos artísticos dos ornamentos corporais, ressaltando que mesmo sem aprimoramento tecnológico, tais tribos buscam elaborar suas peças com muito aperfeiçoamento.

As culturas indígenas mostram-se identificáveis nos vários objetos encontrados, nas tradições e nos adornos, usados em rituais e cerimônias (alguns preservados até nossos dias), demonstrando grande sensibilidade, particularmente no uso das cores. Como exemplo, podemos citar a cerimônia de casamento na tribo caribe, na região do rio Xingu, quando o índio deve presentear o sogro com o colar chamado Urapei. Para os indígenas, essa joia é valiosíssima e muito trabalhosa. (GOLA, 2008, p.79 e 80).

Muitas vezes o vestuário e os ornamentos possuem valores que são atribuídos individualmente, traduzindo os significados que a linguagem escrita ou gestual

não consegue expressar. Então simplifica-se através de símbolos, como por exemplo a aliança.

Jung relata que:

O homem utiliza a palavra escrita ou falada para expressar o que deseja comunicar. Sua linguagem é cheia de símbolos, mas ele também, muitas vezes, faz uso de sinais ou imagens não estritamente descritivos. (JUNG, 2008, p.18).

O objeto pode ser parte da significação de algo que a linguagem escrita, gestual ou falada não consegue traduzir ou expressar. Para isso pode-se atribuir significados a tais objetos, que parte das vezes podem ser reconhecidos em diferentes culturas e também em diferentes épocas. Neste sentido, há também possibilidades destes objetos terem significados pessoais e intransferíveis.

Como mostra Stallybrass:

As roupas recebem a marca humana. As jóias duram mais que as roupas e também podem nos comover. Mas embora elas tenham uma história, elas resistem à história de nossos corpos. Duradouras, elas ridicularizam nossa mortalidade, imitando-a apenas no arranhão ocasional. Por outro lado, a comida que, como as jóias, é uma dádiva que nos liga uns aos outros, rapidamente torna-se nós e desaparece. Tal como a comida, a roupa pode ser moldada por nosso toque; tal como as jóias, ela dura além do momento imediato do consumo. (STALLYBRASS, 2004, p.14 e 15).

Essa seria uma das razões pela qual se passa através de gerações uma jóia de família, o que pode ser um exemplo meramente ilustrativo, facilmente substituído por qualquer outro objeto, que possa não ter necessariamente valor monetário, mas sim valor simbólico atribuído por um determinado indivíduo, podendo este ser passado por diferentes épocas (gerações familiares).

Mais do que ornamentar o corpo, o objeto que ornamenta pode ser parte de algo com significados que fortalecem a construção da formação da identidade de um sujeito.

O objeto ao qual se refere o presente trabalho é o que ornamenta o corpo vestido, podendo classificar e qualificar independentemente da cultura, da raça, da crença, do sexo, e da idade, exemplos que já foram mencionados.

De tal forma, Castilho cita que:

A sociedade contemporânea, que tanto privilegia a imagem, a forma, os adornos, trajes como sistemas de significação, de caráter simbólico, é quem faz com que tipos de trajes e objetos readquiram uma grande importância. (CASTILHO, 2005, p. 32).

A citação da autora mostra que o valor atribuído ao objeto pode ser muito mais simbólico do que mesmo monetário, e que este é empregado por aquele que utiliza o objeto. Desta maneira, um mesmo objeto pode ter diversos significados em diferentes culturas nas diferentes épocas.

Na sociedade contemporânea, é notável a junção de todos os exemplos

citados anteriormente. Ressalta-se que em contexto atual, o qual se inclui o homem urbanizado, as conotações podem ser diferenciadas. Neste sentido é válido lembrar que foram herdados os conhecimentos adquiridos e desenvolvidos pelos antepassados e, a partir destes, são desenvolvidas as ornamentações utilizadas atualmente. Os indivíduos de diferentes idades usam tais adornos corporais, que parte das vezes são inspirados em ornamentos tribais como alargadores, tatuagens e *piercings*, essas marcas parte das vezes são carregadas por toda a vida. No entanto os valores imergidos das sociedades tribais são diferentes dos valores atribuídos na sociedade urbanizada.

Considerações Finais

Desde o início dos tempos o homem atua na transformação da sua própria história. É através destas interferências, que pode-se saber sobre as formas de vida, os pensamentos e as necessidades de cada época. Pois, somente o homem pode interferir e mudar os rumos da história da humanidade, por ser pensador e apto a desenvolver suas criações, essas que são parte de suas memórias.

Desta forma, pode-se entender que mesmo antes da linguagem escrita, o homem instintivamente buscava a proteção e ornamentação para seu corpo. Porém, através de pesquisas, notam-se também os indícios da busca pela estética certo, mesmo sem tecnologia alguma aprimoraram as técnicas para melhor produzir seus ornamentos e juntaram materiais de origem natural para mais tarde confeccionar adornos corporais.

A preocupação com a estética pode ser notada mesmo nos povos primitivos. Desta forma seria conveniente afirmar que o homem busca a ornamentação pelo instinto, também para se diferenciar e se comunicar dentro de um determinado grupo.

Assim, nota-se que desenvolveram diferentes técnicas para a elaboração de ornamentos, os quais eram relacionados ao sagrado e também a “reconhecimento de bravura”. Com base nestes conhecimentos adquiridos pelos antepassados, é que atualmente consegue-se entender a função do ornamento na sociedade.

Parte-se do princípio de que a *moda* funciona como um conjunto de roupas e objetos (ornamentos) que interagem com o corpo, formando uma linguagem visual dinâmica, por sua vez articulada com o mundo. Esta linguagem pode ser permeada por símbolos e significados atribuídos por um indivíduo ou mesmo um determinado grupo social. Sabe-se que a moda está ligada diretamente aos momentos históricos e a mesma passa por constantes mudanças.

Se utiliza dos símbolos para traduzir ou mesmo expressar o que a linguagem escrita, gestual ou falada não consegue transmitir, e é neste contexto que os ornamentos podem ser utilizados com símbolos que auxiliam na construção da

identidade de um determinado indivíduo ou grupo, podendo ser atuante no discernimento das diferentes culturas.

Em suma, entende-se que a indumentária tem papel fundamental nas diferentes culturas, independente de raça ou crença, uma vez que o homem contemporâneo visa utilizar a roupa e os ornamentos como instrumentos para que se faça possível a comunicação com outros seres aptos a entender a mensagem que pode ser transmitida através desses aspectos.

Referências

CALANCA, Daniela. **Historia social da moda**. Tradução Renato Ambrósio - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

CASTILHO, Kathia. MARTINS, M. Marcelo. **Discurso da Moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução Cristiana Coimbra- São Paulo: Editora SENAC, 2006.

GOLA, Eliana. **A joia: Historia e Design**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

GOMBRICH, E. H. **A historia da arte**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JUNG, G. Carl. **O homem e seus símbolos**. Tradução Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx: roupas, memoria, dor**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo: Tecnociência, artes e moda**. Barueri, São Paulo: Editora Estação das Letras, 2007.